Consequências psicológicas do abuso sexual infantil

Karine Suély Cogo*
Álvaro Cielo Mahl**
Lisandra Antunes de Oliveira***
Verena Augustin Hoch****

Resumo

Este estudo teve por objetivo conhecer as consequências psicológicas do abuso sexual em crianças de 3 a 10 anos. A experiência do abuso sexual pode afetar o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social de crianças de diferentes formas e intensidade. Estes fatores contribuem para o desenvolvimento de consequências psicológicas severas para a criança que se não tratadas podem se perpetuar por toda a vida. Participaram da pesquisa três psicólogas do extremo oeste de Santa Catarina as quais responderam um questionário semi estruturado. Os dados foram tratados por meio da análise de conteúdo. Os resultados apontam para diversas consequências decorrentes da prática do abuso sexual, relacionadas a vários fatores, que podem ser minimizadas através do atendimento psicológico.
Palavras-chave: Abuso sexual. Crianças. Consequências psicológicas.

1 **INTRODUÇÃO**

Maus-tratos contra crianças podem ocorrer das mais variadas formas, porém estudos apontam que o abuso sexual se destaca por ser o que mais trás danos físicos e psicológicos.

Atualmente o abuso sexual infantil é considerado um grave problema de saúde pública tanto pela elevada prevalência do fenômeno, quanto pelo seu impacto deletério no indivíduo, nos familiares e na sociedade (HABIGZANG; CAMINHA, 2008).

Os abusos sexuais têm suas ocorrências primárias já na Antiguidade. Pesquisas apontam que o imperador romano Tibério tinha inclinações sexuais que incluíam crianças como objeto de prazer. Há relato de que ele se retirou para a ilha de Capri com várias delas, e que as obrigava a satisfazer sua libido através da prática de diversas formas de atos sexuais (ADED et al., 2006).

Segundo Sanderson (2008) durante o modo de infanticídio no século IV, as filhas eram estupradas. Meninas da Grécia e de Roma dificilmente possuíam um hímen intacto. Os filhos também estavam sujeitos a abusos sexuais e estupros em que eram entregues a homens mais velhos a partir dos sete anos de idade até a puberdade.

* Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina *Campus* de São Miguel do Oeste; karine_cogo@hotmail.com
** Mestre em Psicologia do Desporto e do Exercício pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro de Portugal e professor do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina.
*** Mestre em Psicologia Social e da Personalidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e professora do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina.
**** Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e professora do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina.

A prática de abusos sexuais e maus-tratos foram bastante aceitos até o século XVIII. A partir de então ocorreram mudanças nas atitudes em relação ao abuso sexual em crianças. Com as reformas humanísticas, religiosas e políticas associadas com a Renascença, as práticas de abuso sexual foram mantidas sob controle. Assim, manter meninos e meninas para que tivessem relações sexuais com adultos tornou-se um ato não aceito pela sociedade, sendo este totalmente proibido. Então, a família começou a se moldar e a criança ganha destaque tendo como princípio a educação, o carinho e a compreensão. Isso, no entanto, não significa que o abuso sexual em crianças não mais exista (SANDERSON, 2008).

O estudo dos maus tratos contra crianças é recente. Somente nos últimos quarenta anos é que se iniciaram as investigações acerca dessa temática. Segundo Aded et al. (2006) o abuso sexual é uma das formas mais danosas, no entanto, pouco se avançou no sentido de prevenir e amenizar suas consequências. Diferenças culturais, legais e de procedimentos dos profissionais envolvidos talvez expliquem a dificuldade em se estabelecer políticas públicas de prevenção e enfrentamento do problema no mundo inteiro.

A experiência do abuso sexual pode afetar o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social de crianças de diferentes formas e intensidade. Os diversos fatores associados ao abuso também devem ser considerados, visto que contribuem para o desenvolvimento de consequências psicológicas severas para a criança, que se não tratadas podem se perpetuar por toda a vida.

O objetivo deste artigo é identificar os aspectos relacionados ao abuso sexual infantil e suas consequências psicológicas em crianças de 3 a 10 anos. A investigação dessas conseqüências é de grande importância para o conhecimento das "marcas" deixadas por esse tipo de violência, como a criança lida com estas marcas, e também como os profissionais atuam para que estas crianças possam futuramente superar os traumas decorrentes desta prática. Para conhecer tais aspectos foram entrevistadas três psicólogas do Extremo Oeste de Santa Catarina que atenderam ou atendem casos de crianças vítimas de abuso sexual infantil, as quais se posicionaram sobre o tema através de um questionário semi estruturado.

Segundo Azevedo e Guerra (2000, p. 42) o conceito de abuso sexual está longe de ser preciso, mas pode ser definido como:

> Todo ato ou jogo sexual, sendo relações heterossexuais ou homossexuais, entre um ou mais adultos e uma criança menor de 18 anos, com a finalidade de estimular sexualmente a criança ou utilizá-la para obter uma estimulação sexual.

Para Sanderson (2008) o abuso sexual é o envolvimento de crianças e adolescentes dependentes em atividades sexuais com um adulto ou com qualquer pessoa um pouco mais velha ou maior, em que haja uma diferença de idade, de tamanho ou de poder, em que a criança é usada como objeto sexual para gratificação das necessidades ou dos desejos, para a qual ela é incapaz de dar um consentimento consciente por causa do desequilíbrio no poder, ou de qualquer incapacidade mental ou física.

Conforme Sanderson (2008), o abuso sexual em crianças com contato físico pode envolver uma gama de atividades sexuais, tais como: beijos inapropriados para a criança, carícias para excitá-la, toques nos órgãos genitais para obtenção de prazer sexual, além de comportamentos como masturbar a criança, fazer sexo oral, ejacular na criança ou penetrar o ânus ou a vagina com os dedos, órgão genital ou outros objetos para prazer sexual.

O abuso sexual pode ocorrer no meio intrafamiliar e extrafamiliar. O abuso intrafamiliar ocorre quando é provocado por parentes próximos, dentro do próprio lar gerando consequências psicológicas mais danosas a vítima (AMAZARRAY; KOLLER, 1998). Outra forma de abuso sexual intrafamiliar é o incesto. Segundo Azevedo (2000), o incesto é toda atividade de caráter sexual, implicando uma criança de 0 a 18 anos e um adulto que tenha para com ela, seja uma relação de consanguinidade, seja de afinidade ou de mera responsabilidade.

O incesto é caracterizado pela estimulação sexual intencional provocada por alguns dos membros do grupo que possuem vínculo parental. Assim, o que caracteriza o incesto é o abuso sexual e o vínculo familiar (COHEN, 2000).

De acordo com Habigzang e Caminha (2008), o incesto é poderoso. Sua devastação é maior do que as violências sexuais não incestuosas contra a criança, porque o incesto se insere nas constelações das emoções e dos conflitos familiares. Não há um estranho de que se possa fugir, não há uma casa para onde escapar. A criança não se sente mais segura nem mesmo em sua própria cama. A vítima é obrigada a aprender a conviver com o incesto, ele abala a totalidade do mundo da criança. O agressor está sempre presente e o incesto é quase sempre um horror contínuo para a vítima.

Estudos comprovaram que mais de 50% dos abusos são cometidos por membros da família e, geralmente, a violência sexual é produzida por homens. Assim, o incesto mais comum é aquele que envolve a vítima, o pai ou o padrasto (AMAZARRAY; KOLLER, 1998).

O abuso extrafamiliar é provocado por pessoas que possuem vínculos com a família, mas não convivem no mesmo lar. Ocorre com uma frequência menor, mas com níveis elevados. Os principais abusadores são adultos que cuidam dessas crianças, como casos ocorridos em creches, escolas, lares grupais, etc. (AMAZARRAY; KOLLER, 1998).

O impacto do abuso sexual infantil sobre o desenvolvimento depende de vários fatores, os quais estão relacionados às características individuais da criança, da família e do meio social em que ela vive. Depende ainda do contexto do abuso e de como foi a revelação deste para os pais ou para o confidente da criança. Por outro lado, depende muito da idade que iniciou o abuso, da frequência, duração e da presença ou não de penetração (BORGES; DELL'AGLIO, 2008).

De acordo com Sanderson (2008) estudos apontam que quanto mais frequente e prolongado o abuso sexual na criança, maiores serão os impactos e as probabilidades da criança ficar traumatizada.

As consequências do abuso são diversas e severas. Tem-se sequelas a curto prazo como: problema de ajustamento sexual, preocupação com assuntos sexuais, aumento das atividades masturbatórias, súbito aumento das atividades heterossexuais, desenvolvimento prematuro e discrepante dos interesses e da independência do adolescente. Dessa forma, a criança se sente incapaz de controlar as demandas sexuais apresentando desespero relativo. (ADED et al., 2006).

Mudanças súbitas e extremas tais como distúrbios alimentares e afetivos, comportamentos agressivos ou de autodestruição e pesadelos podem ser observados em crianças e adolescentes em situação de abuso sexual. Medo, perda de interesse pelos estudos e brincadeiras, dificuldades de se ajustar, isolamento social, déficit de linguagem e aprendizagem, distúrbios de conduta, baixa auto-estima, fugas de casa, uso de álcool e drogas, ideias suicidas e homicidas, tentativas repetidas de suicídio, automutilação e agressividade também têm sido descritos. A dificuldade em fixar memórias relativas ao abuso pode estar presente em crianças menores, entre 3 e 10 anos de idade (ADED et al., 2006).

As alterações cognitivas podem incluir: baixa concentração e atenção, dissociação, refúgio na fantasia, baixo rendimento escolar e crenças distorcidas. Tais crenças revelam-se pela percepção de culpa pelo abuso, diferença em relação aos seus pares, desconfiança e percepção de inferioridade e inadequação. As alterações emocionais referem-se aos sentimentos de medo, vergonha, culpa, ansiedade, tristeza, raiva e irritabilidade. Entre as alterações comportamentais destacam-se: conduta hipersexualizada, abuso de substâncias, fugas do lar, furtos, isolamento social, agressividade, mudanças nos padrões de sono e alimentação e comportamentos autodestrutivos, tais como se machucar (HABIGZANG et al., 2006).

O abuso sexual também pode ocasionar sintomas físicos, tais como hematomas e traumas nas regiões oral, genital e retal, coceira, inflamação e infecção nas áreas genital e retal, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez, doenças psicossomáticas e desconforto em relação ao corpo (HABIGZANG et al., 2006).

2 **MÉTODO**

Esta pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa de campo qualitativa, a qual trabalha com um nível de realidade que não é mensurável, quantificado, responde a questões muito particulares, ocupando-se das significações, motivos, aspirações, valores e atitudes; seu objeto de estudo dificilmente poderá ser traduzido em números (MINAYO, 2008). Possui como métodos utilizados o descritivo e o exploratório. O método descritivo tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno. No método exploratório o objetivo é proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses (GIL, 1999).

O método de investigação utilizado foi o de pesquisa de campo. De acordo com Gil (1999), este método é caracterizado mais pelo aprofundamento das questões propostas do que pela distribuição das características da população segundo determinadas variáveis. Como consequência, o planejamento do estudo de campo apresenta maior flexibilidade. No estudo de campo, o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada a importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo (GIL, 1999).

Foram entrevistadas três psicólogas do Extremo Oeste de Santa Catarina escolhidas por conveniência que atendem ou atenderam casos de crianças de 3 a 10 anos que tenham sido vítimas de abuso sexual infantil.

Os instrumentos utilizados foram: um questionário reformulado com base em Battisti (2009), com perguntas semiestruturadas abertas e fechadas (ANEXO A) o qual se destina a obter dados sobre os aspectos relacionados ao abuso sexual infantil e suas consequências psicológicas, bem como um gravador que foi utilizado para gravar as entrevistas.

Primeiramente foi feito o contato com as participantes no qual a pesquisadora se apresentou e mencionou o tema e os objetivos da pesquisa, além da importância da sua participação nesta. Quando da aceitação na participação da pesquisa, houve as combinações de data, local e o horário para a coleta dos dados. Neste dia também foi entregue às participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO B) o qual tem por objetivo garantir a confiabilidade e o anonimato das participantes da pesquisa. Após a coleta, as entrevistas foram transcritas para a análise dos dados.

Os dados colhidos foram interpretados a partir da análise de conteúdo. Segundo o modelo de Bardin (2000), a análise de conteúdo trata do desenvolvimento de significações de diferentes tipos de discurso. Assim, permite um olhar imediato e espontâneo à mensagem que foi transmitida. Ainda, a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, a qual visa obter indicadores que permitem inferir conhecimentos relativos às condições de produções dessas mensagens (BARDIN, 2000).

3 **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

O abuso sexual doméstico sempre foi e ainda é um tabu, assunto proibido, protegido pelo silêncio ou pelos "pactos" familiares. Porém, as barreiras estão começando a ser derrubadas, porque o assunto desperta a curiosidade e a atenção de profissionais que trabalham com famílias, crianças e adolescentes (CRAMI, 2005).

Aded et al. (2006) postulam que na maioria dos casos o abusador é um familiar, amigo ou vizinho, mas sempre alguém que faça parte do universo da criança. Este dado pode ser confirmado através dos relatos a seguir:

> Pai e padrasto são os que mais abusam, mas também existem tios, avós e primos que abusam crianças e adolescentes. (Psicóloga 3).

> A frequência maior é de pai, padrasto ou cuidador. Eu já tive casos de tios que cuidavam e abusavam, mas eu acho que pessoas de fora da família são minoria. Na maioria dos casos são cuidadores, pais, padrastos, tios, sobrinhos, uma pessoa mais velha que fica responsável pela criança, entre outros. (Psicóloga 2).

O agressor utiliza-se, em geral, de seu papel de cuidador, da confiança e do afeto que a criança tem por ele para iniciar, de forma sutil, o abuso sexual. A criança, na maioria dos casos, não identifica imediatamente que a interação é abusiva e, por esta razão, não a revela a ninguém (HABIGZANG, 2008). Podemos verificar parte desse aspecto através do relato a seguir:

> Os abusadores são pessoas bem próximas e também muito ligadas afetivamente. Geralmente é parente, tio, vizinho, padrasto. (Psicóloga 1).

Alguns autores têm considerado a influência da família e sua desestruturação como preditores para o abuso sexual infantil. Amazarray et al. (1998) destacam que as famílias nas quais acontece o incesto são bastante disfuncionais. As relações familiares em que ocorre o incesto são caóticas, a divisão de fronteiras é nebulosa e há a inversão de papéis. Para Cohen (2000), quando ocorre algum tipo de relação incestuosa deve-se considerar que as funções familiares estão alteradas. Esta constatação pode ser verificada nos seguintes depoimentos:

> A família é totalmente desestruturada. Geralmente são famílias maiores, em que a mãe precisa trabalhar e acaba deixando os filhos, então não existe um cuidado, e aí tudo pode acontecer. (Psicóloga 1).

> Geralmente quando acontece dentro da família, a mãe é cúmplice. Então, é uma desestrutura para a criança, porque ela tá sofrendo violência física, sexual e psicológica e não tem ninguém que cuide direito dela dentro de casa. (Psicóloga 3).

Os homens historicamente têm sido socializados para exercerem o poder e as mulheres para se submeterem a ele, chegando ao ponto de provocar relações assimétricas através da dominação, com as mais diferentes consequências na vida social e familiar (SCHMICKLER, 2006). As dificuldades financeiras que poderão surgir com o afastamento do pai é um dos motivos que leva a mãe a manter um olhar "cego" diante da situação:

> Quando se trata do pai que abusa, existem casos em que as mães desconfiam e muitas vezes se calam, porque talvez o pai seja o provedor da casa, a figura que sustenta a família. (Psicóloga 3).
>
> [...] como se trata da figura de pai, a criança tem uma visão dele como um ser que protege, que cuida, e isso confunde muito a criança e ela não se encoraja em contar. (Psicóloga 2).

De acordo com Aded et al (2006), o abuso sexual tem consequências psíquicas que vão além daquelas causadas pelo fato em si. Elas se referem, direta ou indiretamente, aos efeitos do processo legal e seus desdobramentos. Segundo a Psicóloga 1:

> Quando o caso é denunciado, e aí a gente sabe que há a possibilidade de estar acontecendo, a criança não precisa falar sobre o assunto, agora quando vai para nível judicial eu sinto que expõe tanto, que às vezes parece que fica meio banal para criança, ela não consegue desenrolar esse assunto, de tanto ter que dar o depoimento e falar sobre o assunto.

As consequências do abuso sexual são múltiplas, sendo que seus efeitos físicos e psicológicos podem ser devastadores e perpétuos (AMAZARRAY et al., 1998). Ao longo da pesquisa, fica evidente a presença destas consequências, pela fala das psicólogas:

> Existem casos muito sérios do não controle dos esfíncteres, casos de crianças perturbadas que tiveram que frequentar a APAE por algum tempo, eu já atendi crianças em estado de choque, crianças que não falavam, que tinham delírios [...]. (Psicóloga 2).
>
> [...] mais tarde começam os sentimentos de inferioridade, baixa auto-estima, dificuldade na escola, medo. Dificuldade no contato com outros, dificuldade em se relacionar, medo de ficar com pessoas diferentes. (Psicóloga 3).
>
> [...] voltam a falar errado, tem enurese e encomprese. (Psicóloga 2).
>
> Ligação afetiva com uma só pessoa, dificuldade em falar sobre o assunto e sobre sua própria sexualidade, pois parece que fica sempre um tabu na frente, é como se ignorasse, se fechasse, não dando abertura pra tocar no assunto. (Psicóloga 1).
>
> [...] na maioria dos casos as crianças têm uma regressão no comportamento. (Psicóloga 2).
>
> Há os traumas também, que são terríveis. Eles choram muito, são crianças que se não tratadas, vão carregar essa cicatriz do medo, da insegurança pelo resto da vida. (Psicóloga 2).

Outra consequência, que aparece com maior frequência no período da adolescência, é a dificuldade em relacionar-se com o sexo oposto. As vítimas de abuso sexual infantil podem apresentar comportamento agressivo e medo excessivo de adultos, particularmente de homens (ADED et al., 2006). De acordo com as psicólogas:

> Eu sinto que há muita aversão ao sexo oposto principalmente com aqueles que têm a mesma idade do abusador, bastante dificuldade em lidar, por exemplo, se é menina com homens, e se é menino com mulheres. (Psicóloga 1).

> [...] no adolescente acontece um retraimento em relação ao namoro, no relacionamento com o outro, (Psicóloga 3).

> [...] há essa dificuldade em contar, por exemplo, no caso da menina, que ela não é mais virgem e aí também há o medo de o parceiro não acreditar, (Psicóloga 2).

Adultos que foram abusados sexualmente quando crianças podem apresentar vários problemas que se relacionam com a violência sofrida no passado:

> Eu já atendi mulheres que foram abusadas sexualmente, e que hoje têm um comprometimento na sexualidade com o companheiro, que precisam trabalhar essa questão para pode se libertar desse trauma, encarando de forma mais tranquila essa parte da sexualidade, (Psicóloga 1).

> Eu atendo vários casos de mulheres que hoje são agredidas fisicamente, e no passado foram violentadas sexualmente dentro de casa, e nunca denunciaram, nunca contaram para ninguém, e agora estão sendo revitimizadas, (Psicóloga 3).

O atendimento psicológico de crianças vítimas de abuso sexual é de extrema importância, e vai de acordo com as necessidades de cada criança. Não é possível generalizar os efeitos do abuso sexual para todas as crianças, pois a gravidade e a quantidade das consequências dependem da singularidade da experiência de cada vítima. O acolhimento da criança e de sua dor é o primeiro passo para um bom resultado do tratamento físico e emocional que serão necessários.

A escuta de sua história, livre de preconceitos, sem interrupções ou solicitações de detalhamentos desnecessários para a condução do caso, vai demonstrar respeito a quem foi desrespeitado no que tem de mais precioso, que é seu corpo, sua imagem e seu amor-próprio (PFEIFFER; SALVAGNI, 2005). Além disso, suas consequências podem estar ainda latentes e talvez se manifestem posteriormente, frente à resolução de uma crise evolutiva ou situacional e frente ao estresse (AMAZARRAY et al., 1998). As particularidades de cada caso devem ser tratadas com sensibilidade e respeito, de acordo com os relatos a seguir:

> Eu acho que o acompanhamento psicológico é de extrema importância para amenizar este trauma deixado e eu vejo resultado, porque crianças que no início eu atendia e eram muito retraídas, passaram agora a desenvolver auto-estima e a se relacionar melhor [...], (Psicóloga 3).

> Eu acho que o trabalho do psicólogo é muito grande no sentido da própria escuta da criança que sofreu, porque ninguém quer isso. Mas é uma escuta em que muitas vezes as palavras não são ditas, então deve ser uma escuta que vai além do que é dito [...], (Psicóloga 1).

> Eu procuro ajudar de todas as formas. As crianças vêm com uma carência muito grande, não tem como você não se envolver. No momento em que chegam, elas precisam de carinho, então deve ser feito o acolhimento, oferecer afeto para aquela criança [...], (Psicóloga 2).

O estabelecimento de um espaço seguro, no qual a criança percebe a atenção, a disponibilidade e a credibilidade do psicólogo é de grande importância para que esta se sinta à vontade em relatar o caso. Isto é fundamental, uma vez que este relato pode desencadear emoções intensas que precisam ser acolhidas (HABIGZANG, 2008).

> Eu acho que é escutar, estar junto, porque acontecimentos como esse é só o tempo que vai resolver, porque na pessoa, principalmente em crianças, isso vai refletir em toda a vida. Nós temos casos em que a criança foi obrigada a passar por cirurgias de reconstrução dos órgãos genitais, de retirada do útero, devido ao "estrago" causado na vida dessa menina, (Psicóloga 1).

> Muitas vezes eu não interfiro em nada quando estou em atendimento com essas crianças, mas só a questão de sentar e brincar, utilizar da ludoterapia, para que essa uma hora que eles passam aqui seja marcada por momentos de carinho, de afeto, de acolhimento, (Psicóloga 2).

> Eu sinto muito isso, de "estar junto" mesmo que seja complicado, mesmo que seja difícil de falar, mas então supõe-se que o trabalho do psicólogo possa ajudar a pessoa a organizar aquilo tudo que ela está sentindo, e poder tocar a vida pra frente, não se colocando no lugar de vítima, que vai levar aquilo como uma desgraça na própria vida [...] mas poder ajudar no sentido dela estar se recuperando para poder seguir em frente como autora da própria vida, (Psicóloga 1).

> Não adianta você chegar com algo já pré-estabelecido porque não flui, então não adianta se basear somente nos livros que dizem que o abuso vai interferir em tal aspecto da vida da pessoa porque às vezes não é só isso, (Psicóloga 2).

4 **CONCLUSÃO**

O abuso sexual permanece cercado por uma barreira de silêncio e se mantém perpetuado pela ignorância. Estratégias de atendimento e acolhimento à vítima devem ser criadas, com a presença de equipes multidisciplinares que estejam focadas no atendimento e entendimento de como essa violência é vivenciada pela criança.

Viver um trauma físico e psicológico faz com a vítima questione sua capacidade de defesa. Ela passa a perceber que o seu corpo pode ser controlado por outras pessoas, que alguém pode tocá-lo sem o seu consentimento. Essas consequências, entre tantas outras, afetam não só a própria vítima, mas a sociedade como um todo, que pode vir a sofrer com uma criança que fora traumatizada no passado e hoje se torna um adulto que adota comportamentos agressivos ou passivos para lidar com as situações cotidianas.

Concordando com Pfeiffer e Salvagni (2005), quando estas dizem que a atenção continuada e especializada deve ser dada a vitima bem como à sua família, e este processo deve ser feito por uma equipe multidisciplinar, focada no restabelecimento da auto-estima e da integridade física e psíquica da vítima, reestruturando sua confiança nas pessoas e sua capacidade de lutar dignamente pela vida.

Dado que o abuso sexual consiste em um problema de cunho público, social e familiar, considera-se a importância de novas pesquisas na área, com análise de uma população maior e também com vistas a estabelecer contato com as próprias vítimas.

Espera-se que os resultados possam contribuir para um conhecimento mais elaborado sobre as consequências deixadas por esse tipo de violência contra a criança, além de fornecer dados comprovadores de que o trabalho do psicólogo é importante para a reconstrução da vida da criança, tendo como objetivo o resgate da infância perdida e a vivência de uma vida sem traumas.

Abstract

This study aimed to know the psychological consequences from the child sexual abuse. The sexual abuse experience can affect the cognitive, affective and social development of children in different ways and intensity. These factors contribute to the development of severe psychological consequences for the child which if not treated can persist over their whole life. Three psychologists from the western tip of Santa Catarina participated of the search who had answered a semistructured questionnaire. Overall, the results pointed to several consequences of the practical of sexual abuse, related to a lot of factors which may, however, be minimized through psychological care.
Keywords: Sexual abuse. Children. Psychological consequences.

REFERÊNCIAS

ADED, Naura Liane de Oliveira et al. **Abuso sexual em crianças e adolescentes**: revisão de 100 anos de literatura. São Paulo: Psiquiatria Clínica, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832006000400006&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 5 ago. 2010.

AMAZARRAY, Mayte Raya; KOLLER, Silvia Helena. **Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual**. Porto Alegre: Psicologia: Reflexão e Crítica, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279721998000300014&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 5 ago. 2010.

AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo, (Org.). **Crianças vitimizadas**: a síndrome do pequeno poder. 2. ed. São Paulo: Iglu, 2000.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.

BATTISTI, Patricia. **Abuso sexual infantil e consequências psicológicas em crianças**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia)-Universidade do Oeste de Santa Catarina, São Miguel do Oeste, 2009.

BORGES, Geane Lessinger; DELL' AGLIO, Débora Dalbosco. Relações entre abuso sexual na infância, transtorno de estresse pós- traumático (TEPT) e prejuízos cognitivos. Maringá: **Psicologia em Estudo**, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_ arttext&pid=S141373722008000200020 &lang=pt> Acesso em: 8 set. 2010.

CRAMI - Centro Regional de Atenção aos Maus tratos na Infância. **Abuso sexual doméstico**: atendimento às vítimas e responsabilização do agressor. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

COHEN, Cláudio. O incesto. In: AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. (Org.). **Infância e violência doméstica**: fronteiras do conhecimento. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HABIGZANG, Luísa Fernanda; CAMINHA, Renato Maiato. **Abuso sexual contra crianças e adolescentes**: conceituação e intervenção clínica. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

HABIGZANG, Luísa Fernanda et al. Avaliação psicológica em casos de abuso sexual na infância e adolescência. Porto Alegre: **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722008000200021> Acesso em: 10 set. 2010.

HABIGZANG, Luísa Fernanda et al. Entrevista clínica com crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. Natal: **Estudos de Psicologia**, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2008000300011> Acesso em: 10 ago. 2010.

KAPLAN, Harold I.; SADOCK, Benjamin J.; GREBB, Jack A. Problemas relacionados ao abuso ou negligência. In: Kaplan & Sadock. **Compêndio de Psiquiatria**: ciências do comportamento e psiquiatria clínica. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

PFEIFFER, Luci; SALVAGNI, Edila Pizzato. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. Rio de Janeiro: **Jornal de Pediatria**, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000700010>. Acesso em: 12 ago. 2010.

SANDERSON, Christiane. **Abuso sexual em crianças**: fortalecendo pais e professores para proteger crianças contra abusos sexuais e pedofilia. São Paulo: M. Books, 2008.

SCHMICKLER, Catarina Maria. **O protagonista do abuso sexual**: sua lógica e estratégias. Chapecó: Argos, 2006.